



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**AMAURI APARECIDO BÁSSOLI DE OLIVEIRA
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-132

Entrevistado: Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

Nascimento: 13/07/1959

Local da entrevista: Hotel Holliday Inn - Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 01/05/2010

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade: Silvana Vilodre Goellner

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital.

Total de gravação: 58 minutos

Páginas Digitadas: 28

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02154/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. *Amauri de Oliveira (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (coordenador pedagógico); processo de formação e qualificação do Programa: participação de professores, capacitações; idealização do livro “Capa Verde”; criação e auxílio das equipes colaboradoras; criação do livro “Capa Branca”; Projeto Recreio nas Férias: material didático, fundamentação teórica; capacitação; aspectos para o avanço do Programa; impactos do PST na comunidade em geral; importância na preservação da memória do Programa Segundo Tempo; pessoas importantes a serem entrevistadas.

Porto Alegre, 01 de maio de 2010. Entrevista com Amauri Bássoli de Oliveira, a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, para o Projeto Garimpando Memórias – Projeto Memória do Segundo Tempo.

S.G. – Bom, então a gente está iniciando a entrevista com o professor Amauri Bássoli de Oliveira, sobre o Projeto da Memória do Segundo Tempo. Bom dia Amauri.

A.O. – Bom dia.

S.G. – Queria agradecer. Dia primeiro de maio dia do trabalhador [risos], o Amauri se dispôs a vir a Porto Alegre para essa entrevista. Queria inicialmente que tu falasses como que se deu teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo e como tu conheceste o Programa.

A.O. – Bem, o Programa em si eu já conhecia pela divulgação que existia, mas sinceramente não tinha nenhum envolvimento com o Programa. Por um convite da Professora Gianna¹, em abril de 2007, estava para acontecer um evento, o Encontro Nacional dos Coordenadores, em Brasília, e ela precisava de um olhar externo para fazer uma análise do Programa e saber como a gente estava enxergando de fora esse Programa. Eu fui participar, fiquei extremamente sensibilizado com o que eu vi, porque o Programa já demonstrava potencialidades, de certa forma desarranjada em um primeiro momento, mas com muita coisa bonita já acontecendo dentro do Programa e muita coisa também, por outro lado, sem a devida preocupação com uma estrutura, com uma organização. Então, nesse encontro eu fiz uma primeira observação e apresentei para a Gianna as minhas observações e foi assim, de forma bastante atrevida, eu me propus a apresentar um documento. Acabou não sendo um documento formal, mas uma conversa depois do encerramento do evento. Eu fiz uma análise e apresentei a ela. No momento que eu acabei, ela perguntou quando que eu começava, eu disse, não, são só idéias [risos].

S.G. – Que ótimo [risos].

¹ Gianna Lepre Perim. Diretora do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

A.O. – ...“quando você começa?” – Não, mas tu tens jeito! – e eu, “Foram ideias” [risos]. A partir desse momento, foi um convite e desde então a gente tem ficado nesse Programa, de corpo e alma, vinte e quatro horas por dia. Acabaram fazendo um acordo com a nossa universidade e daí desencadeou todo um processo de desenvolvimento com o Programa.

S.G. – Amauri tu tens uma longa tradição na área, de estudar formação de professores, esse olhar pedagógico sobre a educação física e o esporte. Como tu trouxeste isto para o Programa? Acho que tu estás me falando um pouco exatamente disso, mas assim, a tua proposição, como tu viste esse Programa? Então, como que tu pensaste em projetar isso para o Segundo Tempo. Eu estou te perguntando sobre o processo de formação, que eu acho que é uma das questões que qualifica muito o programa.

A.O. – Então, esse vínculo, Silvana, sem dúvida não teve desde o primeiro momento. O Programa só teria condições de ter potencialidades se o corpo de trabalho dele fosse um corpo qualificado. Em um primeiro momento, Silvana, eu... Veja, havia uma ideia de que no Segundo Tempo, nós só tivéssemos, ou pelo uma grande maioria, de leigos trabalhando com o Programa... o próprio Programa não tinha um mapeamento de quem eram os autores ou quais as pessoas que trabalhavam com o Programa Segundo Tempo; tinha-se apenas uma ideia. Iniciamos então um processo de estruturação da qualificação do programa, e essa qualificação passaria obviamente pelo processo de capacitação dos seus coordenadores. Para esse processo já existia também, por uma política de governo, uma aproximação bastante grande com o Instituto Ayrton Senna, que já possuía uma larga experiência, fazia um trabalho maravilhoso com o que denominam de tecnologias educacionais, a base atrelada ao trabalho de Delors², os pilares da educação, que foi divulgado pela UNESCO³. O Instituto iria contribuir no processo de capacitação do PST. Já existia um acerto prévio sobre essa questão. Nesse primeiro olhar, eu falei com a Gianna: “Ah Gianna, eu acho que é interessante só que... Vamos conhecer adequadamente quais são as propostas deles porque eles trabalham com um quantitativo relativamente pequeno, eles têm aí cinco ou dez universidades, são poucos núcleos. Nós temos cinco mil núcleos é uma diferença significativa, mas vamos ver quais são as propostas deles”. Realizamos em São Paulo um primeiro experimento - eu estou dizendo isto daqui a pouco

² Menção ao Relatório Jacques Delors intitulado “Educação, um tesouro a descobrir” (1998).

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

eu chego à tua questão – a gente realizou em São Paulo uma primeira experiência, porque daí eles teriam a responsabilidade de capacitar Minas Gerais e São Paulo para em seguida verificarmos o quanto que isso seria viável ou não. E, no primeiro experimento que eles realizaram, não foi bem um experimento, foi um modelo de capacitação dos futuros capacitadores que eles utilizariam... Para essa ação eu convidei outros professores para que pudéssemos ter um olhar mais ampliado e crítico. Nesse primeiro o Ricardo⁴ já participou o Teixeira⁵, a Dirce⁶, do Espírito Santo, o Pereira⁷ do Nordeste, o Ricardo Rezer⁸ de Santa Catarina, o Evando⁹ de São Paulo, hoje na UFMT... a gente já tinha mais seis observadores externos para ver como que eles estavam estruturando a idéia da capacitação. Sem sombra de dúvidas, a idéia era boa, mas fugia muito aos propósitos do que a gente tinha. Nesse mesmo momento, eu já falei: “Gianna, a gente vai ter este olhar deles, mas tem que ter um contraponto, então, vamos também fazer uma proposta nossa e vamos desenvolver concomitantemente outro processo de capacitação para atender o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.” Foi aí que a gente já fez a capacitação de Gramado – a famosa capacitação de Gramado – que foi muito interessante e a gente já, nesse momento, procurou estruturar um corpo de conhecimento com estes seis que estavam por ali e mais alguns convidados. Foi muito interessante e entendemos que o que nós desenvolvemos se aproximava muito mais da realidade e das necessidades das pessoas que trabalham com o Programa Segundo Tempo. Sem grandes aprofundamentos ou grandes filosofias, mas uma coisa, pé no chão, um resgate um pouquinho da formação que este profissional tem na faculdade, mas que não consegue fazer a aproximação com a necessidade do núcleo. Então a gente procurou temas – como você mesma comentou – simples, uma fala simples, mas que fosse viável ao nosso profissional. Isso tudo, Silvana, já com uma bagagem do que é formar esse professor, por isso que esta experiência toda que a gente tem com formação de professores, com uma discussão e crítica que fazemos à própria academia... que houve muito avanço, eu vejo, na produção do conhecimento, mas esse avanço se distanciou demais da realidade que existe na escola e nas ações projetadas para o Segundo Tempo, reforça muito mais ainda essa crítica, que não é uma crítica para estragar o processo, mas é uma crítica que se faz necessária que o profissional da academia reveja um pouquinho

⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Dourivaldo Teixeira. Universidade Estadual de Maringá.

⁶ Dirce Maria Corrêa da Silva. Centro Universitário Vila Velha.

⁷ José Pereira de Melo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁸ Ricardo Rezer. Universidade Comunitária Regional de Chapecó.

quais são os fóruns que ele tem para formar o profissional que vai para um mercado de trabalho que está colocado. A vida do dia-a-dia deste sujeito está exigindo que a academia faça uma revisão – aquilo que a gente vivenciou na década de oitenta – fez o curso dar um salto de qualidade de conhecimento muito grande, mas distanciou muito das expectativas e das necessidades do cotidiano profissional. Esse distanciamento é grande e hoje a gente ainda enfrenta isso, porque o Programa Segundo Tempo, ele tem uma característica básica, ele trabalha com a população que espera aquele profissional com competência técnica, mas que consiga dialogar com outros matizes ou outros temas, como as questões da inclusão, de gênero, das necessidades sociais que estão colocadas e, em especial, o esporte, algo que a escola abandonou. Ou seja, hoje a exigência passa pelo que tínhamos no campo técnico, mas com o acréscimo dos conhecimentos pedagógicos, biológicos e sociais que foram incrementados e ampliados na formação do profissional de Educação Física, sem que um desmereça e/ou desvalorize o outro.

S.G. – Deixa eu te perguntar... Foi desse primeiro processo que saiu aquele livro que a gente conhece como o “Capa Verde?”¹⁰ [risos] Quando que ele apareceu? Foi, acho que foi o primeiro livro de formação?

A.O. – Então, eu acho que isso vale à pena ficar registrado também, Silvana, porque foi muito legal. Bom, você sabe que... Você brinca que eu sou um Dino [riso], então, mas eu tenho a grata satisfação de poder conversar com você, com Celi Taffarel¹¹, com o Valter¹², com o Kunz¹³, que são amigos, eu os considero grandes amigos e que tem uma produção muito forte na área. São amigos porque passamos por um processo de formação comum, mesmo período e uma trajetória de UFSM¹⁴ muito parecida, com o Valter trabalhei e gerenciei o CBCE¹⁵, foi uma experiência muito boa, assumimos o CBCE depois da Celi e fui vice-presidente na gestão do Kunz. Claro, eles avançaram muito teoricamente e deram uma contribuição enorme para a área. Por outro lado, também, me considero muito amigo

⁹ Evando Carlos Moreira. Universidade Federal do Mato Grosso.

¹⁰ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008.

¹¹ Celi Nelza Zulke Taffarel. Universidade Federal da Bahia.

¹² Valter Bracht. Universidade Federal do Espírito Santo.

¹³ Elenor Kunz. Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁴ Universidade Federal de Santa Maria.

¹⁵ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

do Pablo¹⁶, sou do Ricardo, do Go Tani¹⁷... Então, quando a gente fala esses nomes, os alunos até perguntam: “É o professor fala, mas o senhor conhece?” “Não, eu conheço, são amigos!” Para os alunos é muito estranho porque eles só conhecem por livros esse sujeitos. E, foi muito legal que, ao acabarmos a experiência de Gramado, realizamos as visitas *in loco* para sondar os resultados e foi interessante, foi positivo, ou seja, tínhamos conseguido apresentar uma proposta de capacitação mais adequada e que pudesse atender às necessidades imediatas. Aí eu fiz um plano de capacitação em nível nacional. Foi daí que idealizamos uma primeira produção acadêmica, o capa verde!

S.G. – Isso foi dois mil e sete?

A.O. – Dois mil e sete ainda. Dois mil e sete, para deflagrar em dois mil e oito. Mas como sempre, você já está se acostumando um pouco com Ministério [riso], é sempre para ontem.

S.G. – Para ontem.

A.O. - Então, a gente, lá no final, outubro, novembro, criou um plano para o Ministério porque ele, o Ministério, entendeu que o processo de capacitação tinha que sair e, aqui tem que abrir um parêntese: Graças a Júlio Filgueira¹⁸, graças a Gianna, que são pessoas que acreditaram, fizeram uma aposta, não se diz política, mas de política pública séria, com responsabilidade, sem interesses pessoais, mas pela valorização do Programa. Então, ele falou: “vamos investir muito em um processo de qualificar o profissional e com isso qualificar o Programa”. Nesse sentido, creio que, a Educação Física deve muito a esses dois profissionais que estão no gerenciamento da política pública que possibilitaram e que tiveram a sensibilidade de nos autorizar... Porque a academia, a universidade estava longe, distante do Ministério, a gente sabe muito bem disso, então...

S.G. – São projetos pontuais. Uns ou outros isolados.

¹⁶ Pablo Juan Greco. Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁷ Universidade de São Paulo.

¹⁸ Júlio Cesar Monzú Filgueira. Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte no período de maio de 2007 a outubro de 2009.

A.O. – Exatamente, porque a academia se julga muito acima e independente, e o Ministério por sua vez também fala: “A gente toca independentemente de qualquer coisa”. Bom, nessa apresentação, eu sensibilizei o Ministério e organizamos uma forma de desenvolver um processo de capacitação envolvendo duas universidades: Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, os dois extremos. Lá em cima coordenado administrativamente pelo Professor Pereira e aqui embaixo pelo Professor Ricardo, ficando para mim toda a questão pedagógica. Bem, mas como fazer isso? Tínhamos algumas idéias de ter pólos setoriais, mas para o momento e pela velocidade das coisas, não daria. Então, a idéia foi que a gente convidasse um grupo de consultores, professores de universidades, doutorandos e mestrados, independentemente de corrente. Então, nesse primeiro momento a gente convidou todo mundo para ir até a Universidade Estadual de Maringá para fazer o primeiro encontro, mas para isso, nós já tínhamos os temas organizados pela experiência de Gramado, os temas do “Capa Verde”. Em um primeiro momento e lá nessa reunião de Maringá, os autores teriam que apresentar para todo mundo também. Então veja só, a gente reuniu lá no auditório, as pessoas de todas as vertentes: o Pereira de um lado, tinha o Adroaldo¹⁹ do outro lado, eu ali tentando contornar pedagogicamente. Tinha o pessoal da fisiologia, o pessoal do treinamento esportivo, todo mundo lá dentro. A hora que um falava, um torcia o nariz, falava o outro, torcia o nariz. Aí depois, “Vamos para as discussões”. Vai para as discussões e instala-se a crise, e tivemos que contornar e convocar a todos para que baixassem as guardas e pensassem na representatividade do momento e da importância de criarmos um material que conseguisse apresentar uma proposta ampliada para o processo de capacitação do profissional que estava à frente do PST, um profissional que precisava de conhecimentos básicos e consistentes para uma intervenção profissional qualificada. Foi realmente difícil, mas muito importante.

S.G. – Com essa calma, coordenando...

A.O. – E aí entendendo que, era um momento histórico importante e, fechei a porta [riso], pedi: “Quem não é da Educação Física? Pode dar uma licença para a gente? Daí, fechei, pedi para o Julio: “O Julio, pode dar um passeio, Gianna pode passear um pouco, me deixa conversar um pouco aqui”. E, sinceramente, Silvana, eu falei: “nós estamos em um momento, agora, de tomarmos uma decisão em prol da área e da valorização da área”. E

¹⁹ Adroaldo Cesar Araújo Gaya. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

foi um discurso, eu fiquei falando com eles lá um bom tempo. A necessidade de que cada um cedesse um pouco para que a pudéssemos avançar no todo. Então, algumas pessoas pegam aquele “Capa Verde”: “Mas é um colcha de retalhos!” Sim, é uma colcha de retalhos, porque era a visão que se tinha de cada um dos seus atores na sua forma de ver. Mas veja, a gente já tinha mais ou menos mapeado as necessidades do Segundo Tempo... Os profissionais que estão fora, que estão atuando, que estão na ponta como nós costumeiramente chamamos, falamos: esse sujeito, ele precisa ser lembrado da importância de como que a criança cresce e se desenvolve, qual é a importância do esporte, a questão da psicologia do esporte, qual é a importância desse conhecimento para ele, porque é o seu público... Como que esse garoto cresce e se desenvolve, quais são os aspectos fisiológicos que estão envolvidos nisso e, óbvio, como que a gente estrutura este esporte, não na linha da performance, mas em uma linha do esporte educacional, da construção e aí, com as experiências que o Pablo tem, da iniciação desportiva universal que ela é interessantíssima a gente acabou colocando todo mundo nessa empreita. Bem, todos saíram vivos e acabamos tendo um material inicial, o “Capa Verde” e ele rodou o país. Então, foi desse primeiro momento e é óbvio, levando pancada de tudo quanto era lado, mas nenhuma desmerecendo o trabalho... “Tem erros conceituais!”, Não, não tem erros conceituais é a visão do momento, a gente até entende. E também, o olhar dessa pessoa crítica... Eu brinco sempre com a Cássia²⁰. A Cássia dizia: “Não está muito bom o programa”. Ela foi muito crítica e me dizia, “Olha, cuidado com isso, você está indo para um caminho errado”. Vale ressaltar aqui que a Cássia é uma parceira do Ministério e que se preocupava com as repercussões do trabalho, por isso a preocupação e os alertas constantes ao Júlio e a mim também. Mas eu tinha muita tranquilidade com relação a isto, sabia que viriam broncas de algumas áreas e daí eu esclareci ao Júlio e ele: “Não, tudo bem, vamos em frente e tal.” Tanto é que depois foi um sucesso danado. O Programa, na capacitação de dois mil e oito, nós chegamos a quatro mil e tantos capacitados, presencial, com esses quarenta e poucos formadores. Rodamos o país todo em quarenta e duas capacitações – depois os números exatos eu te deixo na apresentação para não ter erro nos números – Esse processo teve noventa e cinco por cento de satisfação e muita satisfação com os temas, com a estrutura, com a importância do que a gente estava desenvolvendo, ou seja, a academia foi severa demais conosco e demonstrou mais uma vez que se equivocou e que precisa rever a formação oferecida. Mas, no somatório, e aqui podemos dizer que

²⁰ Cássia Damiani. Diretora da Secretaria Executiva do Ministério do Esporte.

mesmo na academia, foi muito positivo. Já nesse primeiro momento já foi um outro olhar. E, como eu estava te falando, a gente conseguiu novamente sensibilizar o Ministério da importância da aproximação entre a academia e o Ministério. Essa relação não existia e a gente acabou na sequência das ações do Segundo Tempo, realizando essa aproximação, porque na verdade já era um plano que eu tinha lá em dois mil e sete, ou seja, o plano de montar a rede do Programa Segundo Tempo. Fato concretizado com as equipes colaboradoras. Isso eu já tinha gestado lá em dois mil e sete...

S.G. – Isso é uma ideia tua também, da rede das equipes colaboradoras? Porque ela conseguiu atingir assim, o país inteiro. Fala-me um pouquinho, como tu pensaste isso, porque eu acho que é uma sacação muito boa, porque chega lá na ponta.

A.O. – A ideia... Veja, a gente faz essa capacitação de dois mil e oito, mas eu já tinha este plano lá atrás... É que não deu para, naquele momento, iniciar um processo de capacitação e estruturar a rede de uma só vez. Porque seria um processo muito rápido e não daria para a gente convencer todo o Ministério. Mas, isso já estava gestado e eu já tinha até apresentado para a Gianna e para o Júlio, mas, para o momento ficou a equipe com esses quarenta e dois formadores. No término da primeira capacitação a gente já tinha evoluído com o projeto, o que acabou acontecendo em abril e maio... Em julho a gente já tinha o projeto desenhado totalmente, o Júlio já tinha aprovado e nós só estávamos esperando uma aprovação do projeto via UFRGS²¹ para isso ser efetivado. Toda a rede criada é para estarmos mais próximos dos núcleos, para acompanhar de forma mais efetiva e dar um suporte, A ideia central das ECs²² é a de potencializarmos os trabalhos dos núcleos, ampliar suas atuações e fortalecer sua estrutura. Muitas vezes as pessoas têm uma ideia equivocada das equipes, elas não são fiscalizadoras, elas são um suporte pedagógico para os núcleos. Contudo, ainda temos que olhar muito administrativamente para os núcleos e convênios, porque ainda há muita deficiência de gestão por parte dos parceiros. Creio que seja um aprendizado e o reconhecimento de que um projeto social passa por uma constante vigilância social, os nossos parceiros têm aprendido isso e reconhecido esse trabalho, o que é muito bom.

²¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²² Equipes Colaboradoras.

S.G. – Tem coisas que fogem ao controle, fogem a coordenação, porque ele ganhou pernas, esse projeto.

A.O. – Exatamente, mas, as pessoas têm liberdade com ele só que, muitas vezes, elas não sabem usar a liberdade que tem com o projeto. Quando a gente faz um projeto em uma universidade, a gente se apóia na responsabilidade, no controle com aquele dinheirinho que vem, a onde ele tem que ir, está tudo previamente organizado e, veja só, dentro da própria universidade, que são com acadêmicos, a gente tem problemas, não de desvio, mas de erros administrativos. A mesma coisa acontece também com os gestores do Programa Segundo Tempo, porque a gente tem convênios que tem cem núcleos, cento e cinquenta núcleos... Naquele período eram vinte mil crianças, quarenta mil crianças em alguns convênios, é muita coisa, é muita responsabilidade, os parceiros acabam tendo problemas... E as equipes, voltando às equipes, elas têm a função de assessorar e de potencializar o serviço, então, elas vão até os núcleos, elas fazem plantões e também se responsabilizam pela capacitação e já a gente vai chegar ao segundo ciclo, na segunda etapa... Foi muito bem, porque a segunda capacitação é um nordestino falando para um nordestino, é um do centro-oeste falando para o centro-oeste e é um sulista falando para um do sul. Uma coisa que a gente tinha enfrentado na primeira...

S.G. – Que foi presencial também?

A.O. – Presencial também. Só que a gente tendo as equipes, eu não preciso capacitar todo mundo de uma vez. Tendo as equipes, a qualquer momento que instalou um quantitativo de trinta coordenadores que precisa, a gente tem a equipe lá pertinho faz a capacitação e pronto. Ou seja, é de forma contínua agora não tem muito problema. Mas isso também foi um salto de qualidade porque uma das críticas que tinha anteriormente - não que o sulista fosse para lá e fosse arrogante ou que falasse... Mas o diálogo é outro. A representatividade da fala e dos sentidos se alteram e ganham tons e significados diferentes quando você um mais próximo a te falar.

S.G. - A realidade é outra.

A.O. – Cada um tem a sua peculiaridade e tem que respeitar isso e eles também se sentem muito bem porque valoriza pessoas da terra, que é legal. Então, essa descentralização foi muito interessante. Ela é importante, a própria Universidade está enxergando, esses autores estão enxergando que é importante estar no dia a dia para entender o que é o núcleo. Aquela primeira equipe, só recordando, muitos ali não tinham a experiência de um projeto social, estavam falando de um tema, que por vezes viajavam e aí o coordenador: “Ô professor”, mas lá no meu núcleo não é assim! Hoje não, hoje eles já falam com consistência: eu fui visitar, acontece lá... Pode ser desse jeito, pode ser daquele jeito, a gente pode incrementar”. Hoje, já é diferente o discurso, mesmo porque, quando ele vai dar o curso, ele já conhece as pessoas, ele já visitou, já corrigiu o plano pedagógico, então, todo este contato, já diferencia bastante.

S.G. – Amauri, eu queria que tu falasses um pouco do segundo processo da produção do material pedagógico que eu tive a oportunidade de participar a teu convite e que foi, acho que talvez a primeira vez que eu vejo a construção de um projeto que foi um projeto quase que coletivo aquele segundo livro. Acho que o segundo livro do PST é um processo quase que coletivo, que a gente fez uma primeira versão de um texto a partir das demandas do Programa, fomos a Maringá, todos os autores, discutimos, apresentamos todos os textos para todos os autores, discutimos os textos, fizemos revisões a partir daí e assim foi sendo lapidado aquele material. Que impacto... Como que tu vê este material que já está circulando pelo Brasil, que diferenças tu percebes assim, em relação ao primeiro, não em termos de... Mas em termos de processo de construção mesmo, de uma proposta que é quase que coletiva de trabalho. É coletiva de trabalho! Eu não diria que é quase.

A.O. – Esse a gente pode denominar o do “Capa Branca²³” [risos].

S.G. – O “Capa Branca”, exatamente [risos].

A.O. – O “Capa Branca” não é. Mas o [risos]... Eu vejo que foi a própria evolução do grupo, Silvana. Até mesmo nossa, porque se você pega o primeiro texto, ele está acadêmico, o segundo texto não, a gente já fala: “Vamos conversar um pouquinho mais pé

no chão, uma linguagem que não precise ter tanta citação, mas que não ignore o conhecimento acadêmico. Que tenha consistência naquilo que a gente esteja apresentando”. Sentimos falta disso no primeiro momento, por exemplo, do lazer ser mais bem discutido, os temas relacionados a gênero e deficiência separados e aprofundados... O texto sobre o esporte ele estava muito tenso, muito complexo. Conversamos com o Pablo e pedimos, temos que amenizar isso, fazer... Apresentar de forma mais tranqüila e, também, faltava um mais específico sobre metodologia...

S.G. – Metodologia.

A.O. - E aí que a gente também teve a participação da Suraya²⁴, que foi muito legal e acabamos produzindo isso também. Então, o segundo livro seguiu os mesmo passos do primeiro, só que com muito mais maturidade e com uma bagagem de um ano de idas e vindas com o grupo que está atuando. Não é que foi uma falha, Silvana, no segundo livro a gente poupou um pouquinho a questão de entregar uma ferramenta um pouquinho mais preparada, ou seja, planos de aula, que no primeiro teve e que até hoje, veja, as pessoas me cobram: “Mas este livro aqui precisa, professor, de alguns exemplos”, então...

S.G – Como fazer?

A.O. – Como fazer? Veja, os textos já estão bem mais claros, bem mais acessíveis, estão servindo de referência para muita gente. O material ficou muito legal, só teve este pecado. Nós tínhamos estes planos na verdade, Silvana, mas a gente não queria... Tinha que fugir daquela idéia de receita de bolo, aquele receio acadêmico que a gente tem, mas se faz necessário apresentar, então vamos produzir... Já tem dois grupos trabalhando nisso para a gente apresentar um material só com isso.

S.G – Ah, que ótimo!

²³ Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010.

²⁴ Suraya Cristina Darido. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

A.O. – Estamos preparando um material que deverá ser experimentado pelos autores, ou seja, vamos criar exemplos, colocá-los em prática e registrar a experiência. Esse será um material que esperamos possa contribuir consistentemente com os professores que estão no cotidiano dos núcleos. O outro que eu pedi para o Pablo, como o espaço dele não foi tão grande no livro também, para que ele trabalhasse de forma bem mais didática com outro material da iniciação esportiva, que é uma das ferramentas importantes e que os professores precisam ter. Então, vão complementar o “Capa Branca”, mas o “Capa Branca” passou pelo mesmo processo. Foi para a famosa Maringá, o paraíso do Brasil [risos], aí a gente fez as reuniões e é sempre assim mesmo, no coletivo que... Idas e vindas... Que nós tivemos uma preocupação com este livro nessas idas e vindas eu tive sete versões dele; “Professor não é melhor pensar nisso, pensar naquilo, corrigir isso, veja o termo” não é uma coisa fácil, mas finalizamos... Veja, nós começamos lá atrás e só julho que eu fui acabar.

S.G. – É, foi um processo longo. E ele já está circulando?

A.O. – Circulando. E agora a gente vai dar uma adaptadazinha nele para o Mais Educação²⁵.

S.G. – Amauri e o Recreio nas Férias²⁶? Desde que tu entraste já tiveste envolvimento com o Recreio nas Férias? O Recreio também tem aquele material produzido, tem um livro, agora estou sabendo que vai sair outro. [risos] Tem quinze dias para escrever o texto...

A.O. – Estamos proibidos de ter ideias lá no Ministério. “Chega do negócio de ter ideias, chega disso”. Que uma ideia é um montão de trabalho, sempre. O Recreio já era um... Já tinha acontecido uma experiência com o Júlio em Guarulhos e com Sílvia²⁷ e eles queriam fazer isso, também, em nível nacional. E quando eu cheguei no Ministério, eu já cheguei com essa ideia de sempre se fazer piloto... O que é piloto e o que é oficina, eu tive que

²⁵ Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação

²⁶ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

²⁷ Sílvia Regina de Pinho Bortoli. Coordenadora-Geral de Apoio, Capacitação e Eventos Esportivos do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

explicar para eles o que é piloto e o que é oficina [riso]. Eu não aguentava mais falar de oficina, “Daqui a pouco a gente vai estar cheio de graxa aqui Amauri. Pára com isso!”. Mas era importante fazermos as reuniões, as discussões para daí pensar melhor, levar outras concepções. E o Recreio, ele tinha uma concepção aparentemente frágil para um primeiro momento e aí... Olha, a gente tinha que manter a mesma concepção de consistência teórica, é um trabalho que pode ser muito forte para o Programa e tanto é que acabou sendo. Então, como ele tinha todo um carinho por parte do Júlio também, ele tinha certo recurso para isso, foi feito toda uma produção sobre o projeto... Se você pega o “marketing” do Recreio pode constatar que é maravilhoso, maravilhoso.

S.G – Tem um livro que é maravilhoso aquele de fotografias, é fantástico aquele livro²⁸.

A.O. – Puxa vida... É... Aquilo ainda estava no rescaldo, eu não sabia que iria sair aquele livro e um portfólio também muito... Mas foi um “show” de “marketing” neste Programa. E aí a gente tinha que dar uma consistência e foi nesse momento, também, que convidei outras pessoas especialistas da área para discutir: “Olha, o que a gente vai fazer?” Vamos montar um processo de capacitação também para o Recreio, porque se você simplesmente joga lá. É uma colônia de férias, sem um norte, sem uma organização pedagógica adequada, como é propósito de todo o PST...

S.G – Uma intervenção pedagógica.

A.O. – É, então, o que a gente precisava para isso: um tema gerador. Tem que ter um tema gerador, pois ele vai ser o tema transversal de todas as ações... Mas eu preciso dar uma consistência teórica para que se entenda o que é lazer, o que é o direito ao lazer, que aí a Leila²⁹ acabou escrevendo; como que o lazer se apresenta para a sociedade, como que ele é organizado, como que deve ser trabalhado metodologicamente e quais são as experiências que temos e/ou indicação de atividades. Foi isso que acabamos compondo o primeiro livro

²⁸ Recreio nas Férias 2009. Edição Piloto. Organizado por Marco Antônio Bersani. Publicado pelo Ministério do Esporte em 2009.

²⁹ Leila Mirtes de Magalhães Pinto. Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer. Ministério do Esporte

do Recreio³⁰ que também é referência hoje, felizmente, com um trabalho também maravilhoso e com essas pessoas.

S.G. – Amauri, e a ideia do vídeo, que teve um vídeo que foi feito ano passado do Recreio, o qual todos participamos [riso], e que acho que tem uma repercussão imensa. Onde a gente vai no Brasil, sempre tem alguém que identifica a gente quando está vendo aquele vídeo. Como foi pensar esse vídeo, a partir da onde que surgiu esta ideia, porque teve uma formação, aquela de Minas Gerais que foi uma formação “on line”, não sei como a gente pode chamar.

A.O. – Tele presencial.

S.G. – Tele presencial. Que foi quase um piloto do vídeo e depois teve esse vídeo de capacitação.

A.O - Na verdade são ações distintas, viu Silvana. Como é que foi isso: primeiro o... Como estava no Recreio... Mas o tele presencial veio antes, veio antes. O tele presencial, o pessoal lá de Minas, ofereceu um serviço para o Ministério, graciosamente, e a gente estava iniciando nosso processo de capacitação do ano de dois mil e nove. Aí a Gianna veio e falou: “Amauri, tem uma proposta lá de fazer uma aula tele presencial”. Eu também nunca tinha vivenciado a tele presencial daquela forma, eu tinha vivenciado ensino a distância e m sistema próximo, mas com menos salas. Aí eu falei: “Ah Gianna, acho que é legal, só que é o seguinte: nós não vamos fazer uma capacitação? Por que não trabalhar todos os temas? Por que só um tema? Aí a gente não vai ter o retorno disso”. E eu, pensando que eles nunca iriam aceitar, errei, eles toparam e ai tivemos que organizar todos os temas.

S.G. – Aceitou.

³⁰ Recreio nas Férias: reconhecimento do direito ao lazer. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Giuliano Gomes de Assis Pimentel. Publicado pela Editora da UEM em 2009.

A.O. – É o sujeito aceitou. [riso] Aí foi uma mão de obra para a gente organizar toda essa estrutura e fazermos toda a capacitação de Minas Gerais com base na tele presencial. Mas foi uma experiência muito boa, acredito que para você também, assim como pra mim.

S.G. – Também.

A.O. – Mas eu adorei o sistema. Achei que o sistema é muito bom, só que nós pecamos no aspecto da logística, mas isso a gente vai corrigir oportunamente. Bom, feito isso, a gente tinha, para julho, que soltar o Recreio nas Férias, era para julho.

S.G. – Para janeiro?

A.O. – Não, era para julho, aí julho, furou.

S.G. – Ah, isso, isso. Está certo.

A.O. – Bom, furou porque não tinha verba. Bom, ótimo, a gente desarmou tudo e como trabalho é o que não falta, nos concentramos em outras coisas. De repente: janeiro vai ter Recreio! Meu Deus do céu. E aí? Tínhamos feito o balanço do primeiro Recreio de janeiro de dois mil e nove e iria ter em janeiro de dois mil e dez, agora. Tínhamos todo um processo, tínhamos que capacitar. Decidiu-se por manter o tema, o do Meio Ambiente, um tema muito bom, forte e que daria para continuar. Só que tínhamos que ampliar o quantitativo de pessoas e fazer todo um processo de capacitação. A experiência da tele presencial tinha sido muito boa e eu comentei isso com o Júlio e organizamos o processo presencial de capacitação. Nós não teríamos pernas, as pessoas envolvidas teriam dificuldades. Aí o Júlio deu a ideia: “Por que a gente não faz um vídeo da capacitação?” E isso era uma coisa que a gente já tinha feito lá na tele presencial, falei: “Puxa, seria uma experiência [riso], interessantíssima”. Tanto é que vocês (toda a equipe de consultores) foram convidados de última hora, mais uma vez, sempre para ontem³¹.

³¹ Recreio nas Férias: Capacitação. DVD produzido em 2009 contemplando os seguintes temas: Reconhecimento do Direito ao Lazer; O que é o “Recreio nas Férias”; Conteúdos Culturais do Lazer; Questões de Gênero; Deficiência; Planejando o “Recreio nas Férias”; Aspectos Metodológicos para as Ações; Tema Gerador: Meio Ambiente.

S.G. – Não tínhamos ideia de que era toda essa estrutura de televisão mesmo, de produção de vídeo.

A.O. – E por mais que a gente tenha experiência, porque eu já fiz programa de televisão... Mas você pegar o seu tema e colocar em uma linguagem de mídia foi um grande aprendizado, muito rica a experiência.

S.G. – Foi, e a síntese, de ser coisas de... Sintetizar o pensamento em trinta segundos para dizer isso.

A.O. – Para ver quanta abobrinha a gente fala. [risos]. A gente dá uma volta *enorme*, para falar o que realmente tem que ser dito.

S.G. – Para dizer uma coisa.

A.O. - É claro, no sistema presencial você tem toda essa chance, mas ali no vídeo, ele é objetivo e o processo que foi deflagrado foi muito bom. Uma capacitação que a gente levava dois dias, levamos um dia e com discussão; porque você falava o essencial do tema e o mediador que estava ali, da equipe colaboradora, complementava. Então, em um dia a gente fez a capacitação do Recreio e percebemos: olha, não precisa tudo aquilo lá. E essa é uma tecnologia aprovada e que pretendemos tê-la como uma das opções para as equipes trabalharem nas futuras capacitações dos demais temas do PST. Entendendo que a capacitação presencial ainda é crucial para quem chega ao PST. Ela recupera um corpo de conhecimentos que é fundamental para as ações do Programa.

S.G. – O que eu achei legal, assim, porque, eu recebi muitos e-mails dos capacitadores: “Professora eu vi o vídeo, o que eu posso acrescentar”, então, quer dizer, eu acho que foi um processo interativo de...

A.O. – Das próprias equipes.

S.G. - De envolver as equipes, eu gostei, acho que é outra boa sacação, assim, da capacitação. Amauri, com relação à formação e a capacitação, tu querias registrar alguma

coisa que a gente esqueceu de falar nesse momento. O que tu achaste importante nesse processo de construção além da produção dos livros, do vídeo, do tele presencial dessa equipe de... Essa rede de colaboradores.

A.O. - É, Silvana, eu só quero registrar que entendo todo esse processo como um marco, que isso é muito importante para a universidade (formação de professores), para o Programa e para as políticas públicas que temos disponibilizadas. Aproximar a universidade de uma política pública efetivamente, dividir as responsabilidades pela reflexão e aplicação da política pública. Veja estamos tendo a oportunidade de disponibilizar à sociedade toda uma formação que temos e que entendemos ser importante e significativa para as futuras gerações. Tem servido como uma experiência fantástica para os cento e setenta avaliadores que a gente tem no sistema das Equipes Colaboradoras: “Nunca tinha visto isso, nunca tinha acompanhado tão de perto, não entendia como é que...” Os nossos professores universitário por vezes estão distantes da realidade do exercício profissional para o qual formam. E hoje eles têm outra visão do Programa Segundo Tempo, divulgam o Programa com outra consistência e seriedade. Sabemos que ainda estamos em um processo que tem muito para evoluir, mas demos um salto muito grande nesses últimos três anos com o Programa Segundo Tempo. Graças a essa estrutura toda que foi montada e este processo de capacitação, é que a gente tem avançado porque, veja, é uma ação inovadora dentro de políticas públicas, desde valorizar os atores que estão ali na ponta e dar a eles a chance de aprofundamentos, reflexões sobre suas práticas.

S.G.- Eu fico pensando o impacto que isso vai ter, com o Mais Educação³² agora porque entra em um outro universo: o universo da escola, que tem o professor de educação física mas, tem uma série de outros professores que vão olhar ou ter a oportunidade de olhar para o esporte com uma outra perspectiva também. Como que tu vê, assim, porque é um projeto grandioso o que vem pela frente é um grande desafio. Então, acho que em termos de políticas públicas, essa ramificação do Programa, em vários setores, ao mesmo tempo em que é algo muito bom, mas também tem uma responsabilidade muito grande aí. Como que você está enxergando daqui para frente essa possibilidade com o Mais Educação?

³² Programa do Ministério da Educação ligado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

A.O. – Veja Silvana, quando a gente foi para lá, nós tínhamos dois objetivos claros: um era de transformar o Programa Segundo Tempo: sair de uma política de governo para ser uma política de Estado. Felizmente, eu acredito que ainda na gestão do Presidente Lula seja assinada a medida provisória transformando o Programa em uma política pública de estado, que pode acabar até tendo revés lá na frente, mas há um reconhecimento dos governantes, da importância do Programa. O outro era, realmente, de a gente dar uma consistência teórica ao Programa e fazer com que ele fosse reconhecido, legitimado socialmente. Acredito que estejamos conseguindo isso. E, o maior reconhecimento que eu vejo do Programa, que demonstra essa sua legitimidade é a vinculação com o Ministério da Educação. O Ministério da Educação, quando viu o nosso material pedagógico, tanto o “Capa Verde”, depois, a hora que viu o “Capa Branca”, soube do nosso modelo de capacitação, de acompanhamento: “Opa, era tudo que a gente queria”, eles falam. Porque existia uma resistência muito grande por parte do Ministério da Educação em relação ao Ministério do Esporte. Você sabe de toda a nossa história, acompanhou, nós fomos as pessoas que, acho que uma geração que vivenciou muito isso no dia a dia. Com isso estou querendo dizer a questão das disputas internas da própria área, a falta de consistência em nossas atuações dentro do setor educacional, o esporte visto e utilizado apenas na vertente da performance e tantos outros detalhes, mas que prejudicaram e fizeram com que houvesse sempre uma resistência a participações mais efetivas da área junto a Educação.

S.G. – Exatamente.

A.O. – Vivemos um momento de muita crítica à área e ao profissional que acabou, por outro lado, causando um lapso de tempo de aproximação e valorização. O reconhecimento do Ministério foi justamente nesse sentido e agora abre toda uma frente para a área e o profissional, de um trabalho diferenciado na escola. Você sabe que a Educação Física Escolar é uma de minhas áreas de estudo. Infelizmente, a educação física na escola ainda está muito aquém da necessidade e o profissional está naquele momento neutro, que ele não sabe se ele é técnico, se ele é pedagógico, se é do lazer, ele não sabe, ele está perdido! Tanto é que os estados estão, hoje, cada um ao seu modo, montando matrizes, estão dando indicativos mais claros, ou seja, a receitinha [riso]. Vamos esclarecer, receitas muito mais consistentes e adequadas. Na verdade são indicativos, parâmetros e suporte para que o profissional possa ter como fonte de consulta, apoio em seus planejamentos.

S.G. – Exato, exato.

A.O. – De como fazer. [riso]

S.G. - O que fazer.

A.O. – Professor, vamos voltar um pouquinho... Estão aqui algumas receitinhas, vamos começar daqui de novo para a gente poder avançar. Então, a educação física lá está... Só que a gente não queria que o Segundo Tempo entrasse pela porta dos fundos, mas, sim, pela porta da frente. Felizmente creio que conseguiu! Conseguiu! Tanto é que tem esse reconhecimento e agora a gente está entrando, mas com um cuidado muito grande também, porque, com toda a responsabilidade de respeitar um projeto político pedagógico da escola, de não se contrapor a proposta que a escola tem... Porque em muitos momentos, a gente tinha um Segundo Tempo que entrava em choque com a proposta da escola. Você sabe muito bem, você tem aula de educação física curricular, na qual o professor está lá se esforçando para trabalhar o conhecimento, ele tem aulas teóricas, ele tem aula de formação, ou seja, trabalha o conhecimento, a informação e algumas vivências com os alunos. Isso, por vezes, exige mais trabalho cognitivo sobre a atividade do que a execução prática, pois é uma preparação para a vida toda. E você tem do lado, um Programa Segundo Tempo, que o professor vai lá e dá basquete, vôlei, tudo que o aluno gostaria de executar, com a ênfase na prática e nas vivências... Poxa, isso pode comprometer o serviço do outro professor que está lá, caso não seja adequadamente organizado e disponibilizado a todos. Então, esse cuidado de organizar, colocar o Programa Segundo Tempo como uma possibilidade dentro da Escola é nossa intenção e também do Ministério da Educação. É um desafio bastante grande, espero que a gente tenha mais uma vez um apoio de toda a academia nessa proposta, que acredito eu, venha mais uma vez, valorizar todo o trabalho que temos feito com o Programa.

S.G. – Legal. Amauri, assim, acho que tu és o responsável por grande parte desse processo de formação, esse olhar pedagógico, essa preocupação com o trabalhar o esporte e não apenas a questão do rendimento... A inclusão, de ter trazido temas como deficiência e gênero, para o projeto e, o que tu vê ainda que precisa avançar? Em termos de capacitação,

em termos de estrutura, o que o projeto poderia... Assim que tu sempre tens alguma coisa pensada lá na frente. Qual a tua utopia ainda com o projeto? [risos].

A.O. – Manter uma linha de formação continuada com os nossos professores.

S.G. – Isso é legal.

A.O. - Ou seja, aprofundar, oferecer uma especialização para eles. Nós estamos montando um cardápio, Silvana, nós temos o Programa que está sendo desenvolvido com o “British Council”.

S.G. – O dos cartões, que a Nádia³³ está...

A.O. – E são cartões muito interessantes que, de repente, daqui há pouquinho também será um instrumento. Então veja, a gente vai ter na estante do nosso profissional que está lá... Ele vai ter o livro “Capa Verde”; o livro “Capa Branca”; os livros de exemplos de aula; vídeos das aulas; as apresentações em Power Point dos temas que trabalhamos nas capacitações; os cartões que estamos testando com a experiência do Conselho Britânico, e ainda, vai ter a chance, de uma formação tele presencial e uma experiência de acompanhamento continuada: o sistema EAD³⁴. Nós estamos, agora, aperfeiçoando nossas ações também para a plataforma moodle³⁵, e com isso disponibilizar o sistema EAD. Aí as equipes, nas suas localidades, vão cuidar do seu quantitativo de núcleos, mas com tarefas quinzenais para todos os conveniados, ou seja, [riso] não é uma vigilância, mas o professor e monitor que estão lá na ponta precisam ter o compromisso, vai ter que ler textos, responder aos questionamentos, participar das salas de bate-papo e todas as ações que envolvem o EAD. Já fizemos um teste com a UNB³⁶ na região. A UNB, já há algum tempo atrás, desenvolveu uma especialização em nível de Brasil, mas não foi um sucesso de conclusão, mas um sucesso de produção do material pedagógico. Então, estamos aproveitando esta experiência porque será interessante mantermos o EAD com todos os conveniados. Tendo a rede (ECs) do Segundo Tempo, dá para termos os núcleos do PST

³³ Nádia Cristina Valentini. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁴ Educação à Distância.

³⁵ Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment

³⁶ Universidade de Brasília.

atentos conosco em um processo continuado de formação. E para os coordenadores, a ideia é que a gente venha a desenvolver um curso de especialização e, oportunamente, óbvio, estimular os cursos de pós existentes a abrirem uma linha de projetos sociais, de políticas públicas.

S.G. – Então, isso era a próxima pergunta [riso], que eu iria te fazer. Porque assim, acho que esse projeto ele tem um impacto na política pública e me parece que temas como inclusão estão pouco trabalhados no âmbito da pós-graduação, no âmbito das disciplinas de graduação. Queria que tu me falasses um pouco, do como que tu, que circulas o Brasil inteiro, identificas o quanto que esse projeto demandou para a área da educação física e para as políticas públicas de esporte essa discussão de temas como, por exemplo, inclusão e o significado disso.

A.O. – Quando as pessoas nos veem e tomam conhecimentos sobre o que e como trabalhamos o PST, ficam surpresas e ao mesmo tempo assustadas, pois é muita coisa. De fato, temos que dar a mão à palmatória, é muita coisa mesmo: “Mas como que vocês trabalham? Como é que foi isso?” Nossos companheiros não têm esse conhecimento, nem imaginam..

S.G. – Concordo contigo.

A.O. – E a gente tem que... Eu vejo o seguinte: estamos longe de sensibilizá-los ainda da necessidade e eu vejo que os nossos mestrados, os nossos programas, estão muito teóricos de novo, e quando a gente fala assim de... Tudo bem, é para formar um pesquisador, mas poxa vida, este camarada tem que pesquisar inclusão, tem que pesquisar gênero, tem que pesquisar políticas públicas, mas não é só para críticas, mas poxa, como que elas podem atender a sociedade? Porque, só discursar é fácil, somos craques nisso. Precisamos nos aproximar da realidade, ainda estamos distantes. Eu vejo, que não conseguimos isso ainda Silvana, sensibilizar um pouco mais. O que eu tenho feito com os nossos gestores das equipes colaboradoras estimulados a mexer na graduação e isso talvez estejamos conseguindo um pouco, com outro olhar, porque, como nós trabalhamos com as diversas vertentes no próprio Segundo Tempo e vários atores, o discurso sobre o programa

Segundo Tempo é outro. Nós tivemos o último CONBRACE³⁷ há pouco na Bahia. O PST foi criticado em parte, pois as análises se reportavam ao período antes de 2008. Foi interessante porque os apresentadores fizeram questão de destacar isso. Vamos ver o próximo CONBRACE, espero que tenhamos outros trabalhos que consigam demonstrar os avanços que temos falado. Claro que temos muito por fazer, mas sem a menor dúvida, crescemos muito.

S.G. – Aqui em Porto Alegre³⁸.

A.O. – É espero que tenhamos trabalhos que consigam indicar novos caminhos, mas que também consigam reconhecer um pouco do que avançamos.

S.G. – Um trabalho olhando os núcleos, investigando os trabalhos, mostrando o que está sendo feito lá. Eu tenho visto esse movimento assim, de...

A.O. – Então, a gente está tendo muitos trabalhos acadêmicos, seja de conclusão de curso ou de especialização e eu estou orientando duas dissertações de mestrado já na linha para verificar o impacto disso tudo que a gente está fazendo. Vamos ver, mas é nesse caminhar aí que a gente está indo com o Programa.

S.G. – Amauri, para concluir a nossa conversa eu queria que tu falasses um pouco da memória do PST, o que tu acha, assim, mais importante... Até para eu poder orientar um pouco do nosso trabalho. Tu acompanhas o projeto já há quanto tempo, o que tu achas, assim, de significativo em termos de memória para a gente correr atrás de informação, sei que tudo é importante.

A.O. – Tudo.

S.G. – São todos os processos, mas assim, como que tu vê a importância de um projeto que se preocupa e daí é o Segundo Tempo se preocupando com ele mesmo, de preservar

³⁷ XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, evento promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do esporte. No ano de 2009 aconteceu na cidade de Salvador.

³⁸ A edição de 2011 acontecerá na cidade de Porto Alegre

essa memória, de deixar registrada essa caminhada, esse percurso das várias formações, quer dizer, a gente vê isso muito pouco em termos de políticas públicas e deixar um registro daquilo que foi feito e de transparência mesmo, porque os documentos estão todos disponíveis na página, os relatórios, as capacitações, eu vejo as apresentações que a gente fez com todos os limites que a gente tem muitas vezes teóricos inclusive. Eles estão lá, as pessoas acessam, então, acho que a memória está muito vinculada um pouco com essa idéia de uma visibilidade desse programa. Enfim, queria te ouvir falar um pouco sobre essa questão da importância da memória.

A.O. – Eu vejo que, o meu vínculo foi a partir de dois mil e sete, mas se você pudesse recuar um pouquinho, Silvana, acho que seria muito legal, porque desde que ele foi implantado, o quanto que ele avançou. Qual era a política naquele momento e que o Programa acabou tendo muita crítica e não tendo muita credibilidade, por um erro estratégico de lançamento desse Programa. De quem poderia estar trabalhando ou como que poderia ser feito este trabalho. Eu estou fazendo esse recorte, mas estou também querendo chamar atenção, muitos trabalhos maravilhosos foram feitos, tanto é que eu me apaixonei por ele lá em dois mil e sete quando fui lá e vi pessoas assim, simples que não tinham uma formação, mas que, *puxa vida*, faziam um trabalho muito diferente. Quando eu vim aqui a Porto Alegre, por exemplo, que fui fazer uma vistoria, o agente social ali da comunidade, o sujeito mediador, não tinha formação nenhuma, mas era ele que conseguia transitar e é isso que a gente vivencia muito no Segundo Tempo. Muitas vezes não somos capazes de enxergar as necessidades das localidades tão bem quanto aquele agente comunitário do bairro, ele é o sujeito que vivencia o bairro, suas particularidades, necessidades. É por isso que também estimulamos que nossos coordenadores e monitores sejam das localidades dos núcleos, isso ajuda muito a relação que se estabelece com as crianças e toda a comunidade. No nosso vídeo³⁹, quando aparece o Amendoim⁴⁰, na favela no Rio de Janeiro é aquilo ali. Então, quando essas pessoas falam e as políticas públicas estão colocadas é de emocionar mesmo, porque é ali que ela acontece. Então, resgatar, eu vejo que essa memória ela é importante, digo, imprescindível. Eu vejo que demonstrar como que essa política de reaproximação, de integração de trabalhos, de valorização foi colocada para o Programa e como que isso cresceu e, também, por outro lado ensinou

³⁹ Referência ao vídeo institucional do Programa Segundo Tempo.

⁴⁰ Paulo Cesar Martins Vieira. Coordenador de Núcleo. Rocinha, Rio de Janeiro.

muito à academia a importância dessa vinculação e de apresentar algo que seja relacionado ao cotidiano das ações. Mas aqueles eixos que você já havia comentado comigo no café, acho que é aquilo, Silvana, se a gente conseguir, se a gente conseguisse dar conta [riso], que espero consigamos.

S.G. – Espero que a gente consiga. Com certeza.

A.O. – Vale a pena. A entrevista que você fez, não sei se já fez com o Júlio ou vai fazer.

S.G. – Vou tentar fazer em Florianópolis, que ele está vindo para um encontro agora.

A.O. – Esse é o cara para quem a área deve muito, ele merece nosso reconhecimento...

S.G. – Não, antes eu quis te entrevistar, para ter mais dados assim... O próximo é ele, é ele e o Ricardo que já estão na agenda das entrevistas.

A.O. – Porque foi graças à visão da gestão pública do Julio que a gente conseguiu... Nós devemos muito a ele, claro, a ele e a Gianna que aguentou o tranco todo e que também incentivou... E eles conseguiram manter e agora o Fábio⁴¹ que também está mantendo a mesma política, está fazendo valer. E o Ministro⁴² que não colocou obstáculos, porque se o Ministro falasse assim: “Não, pode esquecer isso aí, vamos colocar mais tantas crianças independentemente do trabalho”. Nada desse processo de acompanhamento pedagógico e administrativo não, vamos investir em quantidade de crianças, independentemente da qualidade. Isso seria um desastre. Essa responsabilidade da gestão do Ministério foi muito importante e ainda é. Fico contente de ter participado desse momento. O que é muito legal é que, houve a preocupação com a qualidade do trabalho que está sendo feito no Programa como um todo. .

S.G. – E números.

⁴¹ Fábio Roberto Hansen, Secretário Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte desde outubro de 2009.

⁴² Orlando Silva de Jesus Júnior, Ministro do Esporte desde março de 2006.

A.O. – Então, e veja, esse é um dado importante... Esse é um dado importante: a gente começou com duzentas crianças e todo esse processo que a gente deflagrou não dá. A realidade que encontramos no cotidiano dos núcleos por vezes nos levam a questionar os quantitativos que temos registrado. Apesar de pactuados, nem sempre se atinge o quantitativo idealizado, fato normal, mas que precisa ser redimensionado e avaliado continuamente. Aí a gente foi vendo a coisa, olha, não é bem assim, tem muitos núcleos que não têm condições de ter duzentas crianças. Mas porque que não pode ter cem? Então o Júlio baseando-se nos estudos, reduziu isso daí para cem crianças, já colocou mais o pé no chão. Com isso possivelmente venhamos a ter ampliada as condições de atendimento e de dados mais consistentes. Os convênios conseguem atender comunidades menores e sem uma grande preocupação de números elevados. Mas ainda tenho outra idéia!

S.G. – Mais uma. [risos]

A.O. – Que eu acho que a gente deveria flexibilizar mais ainda.

S.G. – Mais ainda.

A.O. – Mais ainda. Porque que o sujeito não pode, um coordenador trabalhar sozinho. Talvez e ganhar um pouquinho menos, mas trabalhar com grupos de cinquenta crianças. Puxa, mas você sabe que são cinquenta que estão ali, que ele sozinho dá conta, não precisa ter mais gente e vai fazer o trabalho que, por ele estar sozinho tem que cuidar, muito melhor. Então, talvez se essa margem for um pouco mais flexível e a gente puder avançar e puder ter mais gente trabalhando e o Segundo Tempo ser possível e, se ele trabalha com cinquenta, dá para diminuir um pouco a burocracia... Mas são coisas que precisamos amadurecer.

S.G. – São os ajustes que o projeto vai demandar no próprio projeto.

A.O. – É. Mas eu vejo que temos esses marcos aí, Silvana... Da possibilidade política, da aproximação acadêmica... O que nós conseguimos dentro da própria academia e da própria área, juntar áreas divergentes para a podermos avançar, então, e com isso potencializar

todo o Programa. Eu creio que é isso e todas as ações que nós estamos desencadeando depois o Ricardo pode te falar um pouco mais sobre os especiais.

S.G. – Sim.

A.O. – Revisando o Navegar⁴³, a gente está trabalhando com o Núcleo Especial para deficientes, com o Universitário que já está sendo um sucesso... Vamos começar com o Ensino Médio agora também com as escolas tecnológicas,... Tem o dos Indígenas que está preparadinho está no forno, das Unidades Sócio-educativas que também está no forno, está pronto, só precisa ser colocada em prática.

S.G. – São as ramificações, os desdobramentos.

A.O. – E aí depois a gente tem, tele presencial, EAD, presencial. [riso]

S.G. – Cada vez que eu falo contigo, são mais coisas que aparecem. Amauri, tens alguma coisa que eu não tenha te perguntado que tu queira deixar registrado na nossa entrevista?

A.O. – Acredito que não, Silvana.

S.G. – A gente vai conversar, outras vezes.

A.O. – Vamos conversar, sem dúvida.

S.G. – Então, eu queria te agradecer, outra vez, por disponibilizar o tempo para a gente poder conversar um pouco sobre o programa e continuamos aí fazendo essa história, que acho que já tem mostrado um impacto na política pública brasileira, a partir do campo do esporte.

⁴³ Projeto Navegar, ligado ao Ministério do Esporte.

A.O. – É. Eu agradeço, eu acho que uma pessoa que estamos esquecendo também, Silvana, de comentar...É o gerenciamento da informática, seria legal você fazer uma entrevista com o Álvaro⁴⁴ da UEM⁴⁵.

S.G. – Ótimo, ótimo, boa ideia.

A.O. – Sabe por que o Álvaro? [risos]

S.G. – Não, é um sistema também que tem que pensar tudo. [risos]

A.O. – E depois o Dirceu⁴⁶, óbvio, porque o Álvaro... Eu convidei o Álvaro, que é um parceiro da universidade eu falei: “Álvaro, é um sisteminha que a gente vai fazer para acompanhar...” eu tinha muita ideia da capacitação e [riso].

S.G. – E o sisteminha se transformou em uma rede de conexões, uma tecnologia...

A.O. – Meu Deus do céu... De ponta. Então, o Dirceu está pensando em mandar o programa para um prêmio de gerenciamento, porque a sofisticação que ele está tendo [riso]. E o Álvaro, coitado, é um baita parceiro... E toda vez que ele ia para uma reunião nossa: “Mas Amauri, mais isso, mais isso...” [risos]. E eu pensava: o Álvaro vai resolver, o Álvaro resolve [risos] e a gente tem toda uma reestruturação nesse processo. Então, e com a Gianna, a hora que for falar, é muito legal porque tivemos essas equipes, a configuração da equipe gestora, equipe gestora e equipes colaboradoras e a agora criamos a equipe pedagógica também, a que está sob minha coordenação na UEM.

S.G. – Certo.

A.O. – Aí tem a equipe do Luis Cláudio⁴⁷ que a de controle, que é a dos relatórios.

⁴⁴ Álvaro José Perito.

⁴⁵ Universidade Estadual de Maringá

⁴⁶ Dirceu Lopes de Mattos. Secretaria de Esporte Educacional. Ministério do Esporte. Departamento de Gestão de Projetos e Tecnologia da Informação. Secretaria de Esporte educacional, Ministério do Esporte.

S.G. – Certo.

A.O. – Então, é isso.

S.G. – Então, obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴⁷ Luiz Cláudio Reeberg Stanganelli. Universidade Estadual de Londrina.